

IRAÍ

# 28 horas de medo dentro da reserva

Funcionários da Funai tomados como reféns por caingangues na manhã de terça foram liberados ontem

FOTOS EMERSON SOUZA/ZH



Na mira das armas: grupo de mulheres caingangues cercou policiais federais e os obrigou a recuar durante o conflito na área indígena

CLAUDIO MEDAGLIA JR.

Casa Zero Hora/Passo Fundo

**Iraí** – Seis agentes da Polícia Federal, com metralhadoras e pistolas, foram corridos da reserva indígena de Iraí por índios caingangues desarmados, às 11h28min de ontem. O abandono às pressas da aldeia ocorreu seis minutos depois da chegada dos agentes e do superintendente regional da Fundação Nacional do Índio (Funai), Glênio Alvarez, que tinham como objetivo resgatar o chefe do escritório, José Altair Loureiro de Mello, e o auxiliar de enfermagem Valderico Ferreira, tomados como reféns às 9h de terça-feira. A dupla só foi libertada às 13h40min, mais de 28 horas depois. Mello foi afastado do cargo por exigência dos índios.

O confronto começou a se desenhar logo na chegada do representante da Funai e dos policiais. Determinados a acabar com a algazarra dos índios, os agentes desceram da Chevrolet D-20 com armas em punho, disparando ordens e barrando o acesso dos índios ao posto. Lá dentro, Alvarez, o cacique Augusto da Silva e os dois prisioneiros se preparavam para começar a negociar a libertação do grupo. Augusto queria chamar outros líderes da comunidade para participar da reunião. Os agentes barraram.

O empurra-empurra começou. Os policiais engatilharam as armas. Algumas mulheres e crianças correram gritando. Outras, além dos homens da tribo, não se intimidaram. Cerca-



Tensão: Mello (D) e Ferreira (E) foram mantidos presos

ram o grupo, enfrentaram os federais com as mãos vazias e fizeram os agentes recuar até a caminhonete. Uma índia chegou a erguer a blusa, aproximou-se de um dos agentes armados e desafiou:

– Mata a índia, mata.

Aquela altura, a voz de comando já não era mais dos policiais. Acuados, eles tentavam argumentar com os índios que iriam apenas aguardar o desenrolar das negociações. Não adiantou. Os agentes partiram, então, para dentro do carro. A saída foi arrancar em alta velocidade e abandonar a reserva às pressas. Os índios ainda conseguiram estourar o vidro da janela do motorista com uma pedra. Foi o que bastou para que a situação se agravasse.

Em instantes, os indígenas vestidos de camisa, blusão e chapéu apareceram com o rosto e o corpo pintados e armados com lanças e

facões. Os mais exaltados chegaram a anunciar que o superintendente da Funai também ficaria preso no escritório, caso o problema não fosse contornado.

No início da tarde, depois de mais de duas horas de conversa, Mello e Ferreira foram libertados. No acordo firmado com os índios, ficou decidida a manutenção do Fusca da Funai permanentemente à disposição da comunidade e a definição de um revezamento entre os outros quatro funcionários do posto até que o governo federal libere recursos para a construção de uma casa destinada a abrigar um servidor que more no local. Em 20 dias, uma reunião vai avaliar as condições do atendimento de saúde. A Funai abrirá sindicância para apurar as circunstâncias que levaram à saída de Mello. Um novo servidor será designado para coordenar o posto.

Conforme Mello, a confusão foi provocada por um racha na comunidade. Um grupo estaria descontente com o trabalho realizado pelo posto da Funai e resolveu pedir a sua saída. Durante as horas de tensão no local, Mello lembra, pelo menos, de um momento de conforto. Na terça-feira à tarde, ele e o colega estavam sem almoço e uma índia levou algumas frutas escondidas na roupa para alimentá-los. Porém, depois do episódio, Mello decidiu deixar o posto, como queriam os índios.

– Não tenho mais clima para continuar aqui. Como um funcionário pode ter segurança hoje para trabalhar em uma área indígena? – desabafou.

## O CONFRONTO

Como ocorreu o conflito:



● **Dia 24** – Às 9h, os índios confiscam o veículo da Funai e prendem dois funcionários até que o superintendente vá à reserva ouvir denúncias contra o chefe do posto da Funai.

● **Dia 25** – Às 11h22min, o superintendente chega com policiais federais armados. Às 11h28min, os agentes saem corridos da reserva. O superintendente e os dois funcionários permanecem no escritório, em negociação. Às 13h40min, os índios libertam o grupo e obtêm o afastamento do chefe do posto.

## Entrevista:

José Altair de Mello  
“Eles afiavam as armas”

José Altair Loureiro de Mello, 46 anos, experimentou, ao lado de Valderico Ferreira, 28 horas de medo. Enquanto aguardava para ser libertado, deu este depoimento a Zero Hora:

**Zero Hora** – Foi difícil manter o controle quando os índios anunciaram o seqüestro?

**José Altair de Mello** – Nós tentamos mostrar que estávamos tranquilos, mas tivemos muito receio. Nossas mulheres estavam em casa, apavoradas, e tivemos de confortá-las por telefone.

**ZH** – Qual foi o pior momento?

**Mello** – Durante a madrugada. Dormimos sentados nas cadeiras do escritório, escoltados por índios no corredor e ouvindo a algazarra que faziam. Eles nos intimidaram com facões, afiando as armas nas paredes e fazendo comentários assustadores.